

Modernidade e literaturas memorialísticas na França

Beatriz Cerisara Gil

This work aims at presenting a panorama of the evolution of memoir writing in France, focusing on the intersection of the production of the first autobiographical texts with the changing tradition of the aristocratic memoirs. In order to develop this topic, an appraisal of the social and political role of memoir writing during the Ancien Régime is presented, briefly evaluating the process of transformation of the genre and its implications. Moreover, some of the grounds on which modern autobiographical narratives are culturally and literally based are analyzed.

Keywords: memoir; literary history; autobiographical narrative; history.

Este trabalho pretende apresentar um painel da evolução da escrita memorialística na França, dando ênfase ao cruzamento da produção dos primeiros textos autobiográficos com a tradição das memórias aristocráticas em processo de mutação. Para desenvolver o tema, é feita uma apreciação sobre a função social e política da escrita memorialística dentro do Antigo Regime, avaliando-se brevemente o processo de transformação do gênero e suas implicações. Além disso, são analisados alguns fundamentos sobre os quais se assentam, cultural e literariamente, as modernas narrativas autobiográficas.

Palavras-chave: memórias; história literária; narrativa autobiográfica; história.

1 Introdução

A França possui uma longa tradição na produção de textos memorialísticos. A respeito desta cultura memorialística longamente exercitada pelos franceses, François-René de Chateaubriand, em o *Gênio do Cristianismo*, chamou a atenção para o fato de os franceses descreverem com muita competência histórias « parciais » em detrimento da elaboração de uma grande História. Num capítulo intitulado « Pourquoi les Français n'ont que des Mémoires ? », o autor identifica algumas características peculiares da sociedade francesa relacionando-as a este pendor pelo fazer memorialístico:

Autre question qui regarde entièrement les Français : pourquoi n'avons-nous que des mémoires au lieu d'histoire, et pourquoi ces mémoires sont-ils pour la plupart excellents ?

Le Français a été dans tous les temps, même lorsqu'il était barbare, vain, léger et sociable. Il réfléchit peu sur l'ensemble des objets ; mais il observe

curieusement les détails, et son coup d'œil est prompt, sûr et délié : il faut toujours qu'il soit en scène, et il ne peut consentir, même comme historien, à disparaître tout à fait. Les mémoires lui laissent la liberté de se livrer à son génie. Là, sans quitter le théâtre, il rapporte ses observations, toujours fines, et quelquefois profondes. [...] De plus, dans ce genre d'histoire, il n'est pas obligé de renoncer à ses passions, dont il se détache avec peine.¹

Sob muitos aspectos, a literatura memorialística desempenhou, de fato, um papel importante na evolução da prosa francesa. Para entendermos um pouco do histórico do gênero, lembremos que os textos de memórias aparecem na França no século 15, com Philippe de Comynes, e que esses escritos sofrem uma evolução e um rico processo de mutação por pelo menos três séculos até a Revolução Francesa. Mas qual a relevância da prosa memorialística anterior a Revolução Francesa? Qual sua meta e qual seu público?

Sem desejar responder longamente a essas questões, convém chamar a atenção apenas para o fato de que o gênero memorialístico não se apresentou historicamente de forma homogênea em seus procedimentos, nem tampouco teve uma única fonte de inspiração ou de motivação. No entanto, uma linha dominante em sua produção pode ser detectada e pode nos revelar, de forma eloquente, parte da significação social e política que as memórias adquiriram na vida literária francesa.

2 As memórias aristocráticas

Em meados do século 16, há uma abundância de textos de memórias, e estes já se encontram aliás em uma fase esplendorosa no que diz respeito à seu trabalho formal. Mas é somente com a publicação das *Mémoires*, do cardeal de Retz, que o gênero literário obterá efetivamente um grande prestígio. O memorialista, do fim do século 17, será provavelmente o primeiro a desfazer os limites convencionais entre « l'essai politique, la réflexion sur l'action, la réflexion sur le destin du royaume, la conversation au sommet et l'art du grand romancier, modulant le faire voir et le faire entendre, dosant le sublime et le burlesque », ² preparando o terreno para Saint-Simon e o marquês d'Argenson durante o século das Luzes, por exemplo.

Marc Fumaroli, num importante artigo que trata das memórias no século 17, estuda a importância do gênero na história literária francesa identificando nesta atividade literária uma fonte essencial de textos escritos em primeira pessoa, os quais interferiram diretamente no universo das relações sociais e literárias da época.³ Para ele, tendo uma função formadora determinante, a linhagem memorialística francesa, apresentou-se como uma profícua alternativa ao vazio deixado pela historiografia oficial, de um lado, e ao esgotamento da forma épica, de outro.

As escritas memorialísticas, assim como os gêneros canônicos do período, se formam nos meios aristocráticos, mas possuem, diferentemente destes, uma tarefa particular que é a de estabelecer uma espécie de *diálogo* entre o nobre e o rei, ou, mais do que um *diálogo*, um acerto de contas entre os nobres guerreiros e a Corte. Isso significa dizer que a escrita e a circulação dos textos memorialísticos tinham por objetivo principal a exposição pública das realizações militares da nobreza, ordem social que procurava garantir territórios e fincar suas marcas de propriedade sobre eles. Esta escrita de memórias, de teor quase contratual, frequentemente manifestava, de forma mais ou menos clara, uma contenda entre a Corte e a nobreza, pois era comum que esta nobreza não considerasse seus feitos guerreiros

suficientemente reconhecidos e pagos pelo rei. Além de enaltecer os feitos e as vitórias dos nobres franceses, ressalte-se que as memórias vão servir também como documentos para a historiografia.

Fica-nos evidente aqui o quanto o gênero, em sua raiz aristocrática mais remota, tem uma ligação estrita com o fazer da História e com o seu registro.

Mas, seguindo um pouco mais além no curso desta história, vemos que novas condições vão fazer as memórias mudar sua perspectiva. A partir do meio do século 17, a glória e o individualismo do nobre de armas no campo de batalha, que dominavam o horizonte histórico do gênero, vão ceder espaço a um novo universo de temas, formado, desta vez, pelas intrigas mundanas ou por uma espécie de exercício espiritual que o escritor realiza com seu gesto memorialístico. Digamos que o *diálogo* se estabelece agora entre o autor e Deus e que, nesta interlocução, os cristãos mortais passam a encarar a efemeridade de sua existência e a possível promessa divina de salvação.

Com as forças de sua própria dinâmica, a vida cotidiana fornece os novos temas às narrativas que surgem então. Nesta significativa inflexão que vai marcar a história do gênero, as memórias começam a descrever sentimentos, perfis e dores humanas: elas põem-se a traduzir um eu com características novas. O memorialismo sofre uma metamorfose e vai assim se renovando ao assumir feições um pouco mais autobiográficas na medida em que problematiza de forma particular uma dimensão mais íntima do autor-protagonista. M. Fumaroli esclarece esta mudança na passagem a seguir:

Ici, il ne s'agit plus de comparer les dettes et les créances, mais de compter les dettes contractées envers la Grâce divine. L'exercice de mémoire [...] est devenu exercice spirituel. Il ne s'agit plus de disputer avec la Cour, mais de dialoguer humblement avec Dieu, en lui rendant grâce pour sa Grâce. Du même coup, l'intériorité du « Je » des Mémoires s'accroît : ce qu'il perd en vitalité vindicative, il le gagne en nuances d'humilité, de reconnaissance, en attention aux petits faits vrais.⁴

Dois fatores são determinantes para esta metamorfose. A vitória da monarquia sobre a nobreza, derrotando, em 1652, a revolta armada desta (*la Fronde*), vai permitir, sob Luís XIV, o reino do absolutismo e produzir um deslocamento da aristocracia rumo ao universo cortesão, fazendo com que este movimento de atração em direção à vida da Corte contribua para alterar consideravelmente a base das narrativas memorialísticas. Além desse fato, a tradução das *Confissões* de Santo Agostinho por Arnauld d'Andilly, em 1650, atinge um grande público e torna-se uma referência importante para os futuros memorialistas. Deus, a partir de então, transforma-se num interlocutor para o escritor de memórias. Se os homens devem morrer, é necessário que a graça divina seja celebrada sobre eles e o fazer memorialístico pode tornar-se um exercício de redenção diante da promessa de salvação cristã.

Ainda que ao longo da história possamos notar transformações em outros aspectos do gênero memorialístico, este deslocamento de perspectiva vai criar uma fase bastante fértil para as literaturas autobiográficas em geral ao contribuir de forma significativa para alimentar aquilo que podemos considerar hoje uma dimensão autobiográfica. Nesse processo a narrativa fortalece em seu horizonte um percurso de vida comum com seus fatos banais sem desembocar necessariamente em nenhuma

glória maior conforme a expectativa estabelecida pelos padrões anteriores. Por outro lado, sem o extraordinário das façanhas do universo guerreiro, sem o imperativo das provas genealógicas de nobreza e sem o apego exclusivo à verdade histórica, esta prosa torna-se literariamente mais autônoma e maleável. É dentro desse novo enfoque que alguns memorialistas deverão tematizar, por exemplo, o descompasso entre os projetos individuais e a realidade, entre os sonhos heróicos e o curso da vida rotineira. Assumindo expressões e formas mais diversificadas, esta distância entre a expectativa de uma ordem épico-romanesca e o real vivido será objeto de muitas obras.

Enfim, estamos diante de uma transformação, dentro da tradição das memórias aristocráticas, que altera sensivelmente o quadro da narração trazendo novos valores políticos e artísticos para o gênero.

3 A autobiografia em cena

Assim, a partir da constatação de que um memorialismo de novas características está se delineando gradativamente, levanto um outro ponto.

Estamos agora na segunda metade do século 18 e uma obra capital vai transformar, a partir de então, o panorama geral das literaturas autobiográficas: trata-se de *As confissões*, de Jean-Jacques Rousseau. É ao filósofo iluminista, autor do *Contrato Social* e de *Emílio*, que a história literária atribui a criação das grandes linhas daquilo que chamamos hoje de autobiografia.

Rousseau coloca no centro de *As confissões*, as questões “quem sou?” e “como tornei-me eu mesmo?” Elaborando um rigoroso fio condutor formado pela narração de sua história pessoal, o escritor concretiza seu projeto confessional e funda, num mesmo movimento, uma prática discursiva inédita sob muitos aspectos, em que, sobretudo, um diálogo contemporâneo com os pares se estabelece. Com esta obra póstuma (escrita entre 1762 e 1770 e publicada em 1782 e 1789) estariam lançadas as bases para a literatura autobiográfica moderna. A narrativa retrospectiva de um autor-narrador centrado em sua própria biografia ganha assim lugar e, em sentido estrito, a autobiografia pode ser definida aqui por oposição às memórias e ao romance enquanto *a vida de um indivíduo contada por ele mesmo*.

Enfim, ainda que se registre a existência de uma prática autobiográfica consciente desde pelo menos o século 17,⁵ e que encontremos mesmo outras obras com ênfase no auto-retrato, como o são notadamente as de Santo Agostinho e de Montaigne, para a história literária hoje, Rousseau é o autobiógrafo precursor por excelência, aquele que alçou a autobiografia a um plano de prestígio.

Embora Rousseau explicitie por meio de seu título um projeto de confissão que nos remete a intenções purificadoras através de uma evocação *confessional* aparentemente religiosa, suas *Confissões* não possuem Deus como interlocutor privilegiado e, embora o filósofo continue a alimentar um laço entre o fazer autobiográfico e o gesto confessional na linhagem de Santo Agostinho, o texto está longe de possuir substância religiosa. Já dissemos antes: sua própria existência, formação, vida afetiva e intelectual são as questões principais desse texto inovador. Rousseau quer escrever uma obra para justificá-lo e explicá-lo. Uma interlocução essencialmente contemporânea e terrena substitui desta forma o diálogo com a Providência divina e, nesse novo empreendimento, a ênfase sobre um eu sensível e temporal cumpre com pertinência o projeto pedagógico e político ao qual Rousseau se dedicara incansavelmente.

Tal intersecção dos horizontes confessional e autobiográfico em Rousseau, ainda que mais na aparência do que no fundo, pode ser vista, em todo caso, como um registro simbólico a marcar historicamente o cruzamento de escritas autobiográficas com motivações diferentes em condições também distintas. Jacques Borel em seu *Propos sur l'autobiographie* encara isso como sendo a inspiração cristã de uma prática confessional dentro do projeto autobiográfico em geral.

Toda confissão pede uma testemunha que possa aplacar o sentimento de culpabilidade. Esta necessidade estaria assinalada dentro da narrativa confessional nos registros do eu que ali se apresenta: “Nul n’a plus besoin non plus que l’écrivain qui dit *je* de l’invisible lecteur auquel il s’adresse, et nulle écriture ne fait un plus pressant appel à la lecture. Dire *je*, c’est parler au lecteur, s’adresser directement à lui. C’est rêver d’une transparence de l’écriture à la fois et de la conscience »⁶. Os ecos desta herança cristã sobre a consciência ocidental permaneceriam, portanto, ainda vivos por meio de uma espécie de laicização nostálgica do sentimento de culpa e do desejo de expiação, conduzindo à necessidade da confissão.⁷ A tradição da doutrina cristã cria, dessa forma, uma cultura que sustenta a tentação autobiográfica deixando resquícios de suas crenças essenciais, a saber a expiação dos pecados por meio da contrição e da confissão, sendo a penitência uma etapa mais ou menos obrigatória desta caminhada. A autobiografia pode trazer, nesse caso, em seus meandros, alguns traços inevitavelmente religiosos (*re-ligere*) deste percurso.

A importância do pensamento cristão no advento da literatura autobiográfica foi também analisada por George Gusdorf, que vislumbra uma nova antropologia neste fenômeno típico das sociedades modernas. Mas, para além de uma interlocução substancialmente espiritual e expiatória, aquele diálogo com Deus, assumido no ato autobiográfico, põe em jogo uma nova questão de fundamental importância na cultura ocidental. A questão consiste agora na transformação dos indivíduos em seres responsáveis por sua própria existência e trajetória. Um passo além é dado nesse processo. Essa mudança é gradativa e um novo foco se cria a partir de uma visão que traz em si um interesse progressivo pelos aspectos da vida de cada sujeito, o qual tende a afastar-se e a emancipar-se de valores de uma tradição estabelecida em nome da reivindicação da autonomia. Esta nova lógica social, que prima pelo autocentramento dos indivíduos, impulsionada originalmente pelo pensamento cristão, vai exigir o exercício sistemático de um exame de consciência abrindo caminho para uma reflexão sobre o passado de cada um. O passado, a memória se tornam matérias ou dimensões a serem exploradas pela autobiografia: a história individual passa a ser valorizada e vai tornar-se objeto privilegiado das narrativas modernas.

Um último aspecto que convém observar é que, nesse horizonte autobiográfico, aquilo que frequentemente considera-se uma alienação do *eu* em relação ao mundo exterior pode corresponder, na realidade, a um forte apego à história, sendo esse o lugar por excelência onde o sujeito moderno forja seus modelos e referências morais, a serem seguidos ou não. Na literatura, lembremos, tal vínculo se manifesta muitas vezes de forma sinuosa. Não é por acaso que o gênero autobiográfico se fortalece consideravelmente no início do século 19, logo após a Revolução Francesa, e que esta literatura prolifera exatamente num ambiente em que se desenvolve um longo e profundo debate acerca do papel da subjetividade na historiografia. Em suma, quando a sociedade moderna passa a adquirir uma profunda compreensão histórica de sua existência e de seu funcionamento, a literatura autobiográfica

também assimila e expressa tal percepção, redefinindo e enriquecendo suas formas e perspectivas.

4 Conclusão

Vimos o quanto a escrita memorialística na França de tradição aristocrática afirma um eu heróico que se empenha não apenas em fazer a história como também em escrevê-la. Resulta desta prática a supremacia de um autor-personagem que se toma por testemunha e disputa o reconhecimento de seus feitos e de sua versão da História.

Por outro lado, diferentemente das memórias e sem colocar em pauta necessariamente diferentes *versões* da História, mas ainda assim formando e ampliando o campo das literaturas que podemos chamar aqui de autobiográficas, constatamos o nascimento de uma forma narrativa que surge num contexto em que a experiência pessoal assume uma importância central. Aqui um autor-narrador com características particulares vai encarar sua vida presente e passada num universo doméstico ou social, dentro do qual ele se move. A escrita autobiográfica passa a reconstituir, em toda a sua dinâmica enunciativa, as relações do autor-protagonista com seu meio e com seu tempo, construindo uma linguagem que resulta numa *voz* entre outras. Resta-nos dizer por fim que o projeto autobiográfico, apesar de sua forte vocação para o intimismo e de seu progressivo investimento na palavra individual, não abandona o desafio de materializar suas circunstâncias históricas: ele também traz em si a tentativa de problematizar as relações entre o sujeito que narra uma história pessoal e a História, que forma este narrador.

Notas

¹ CHATEAUBRIAND F.-R. de, *Génie du christianisme*, Gallimard, « Bibliothèque de la Pléiade », Paris, 1978, troisième partie, livre III, chapitre 4, p. 838-839.

² FUMAROLI Marc, « Histoire et Mémoires », In: *Chateaubriand mémorialiste – Colloque du cent cinquantième (1848-1998)*, Genève, Droz, 2000, p. 33.

³ FUMAROLI, « Les Mémoires du dix-septième siècle au carrefour des genres en prose », *Dix-septième siècle*, n° 94-95, 1971, p. 5-37.

⁴ *Ibidem*, p. 29.

⁵ Le *Dictionnaire du littéraire* mentionne notamment *Les Aventures burlesques de Monsieur d'Assoucy*, de Charles Coyseau d'Assoucy (1677), et *Sa Vie à ses enfants*, de Théodore Agrippa d'Aubigné (1629). In: "Mémoires", ARON Paul, SAINT-JACQUES Denis, VIALA Alain, *Dictionnaire du littéraire*, Paris, PUF, 2002, p. 370-371.

⁶ BOREL Jacques, *Propos sur l'autobiographie*, Seyssel, Champ Vallon, 1994, p. 34.

⁷ *Ibidem*, p. 31.